

CONSPIRAÇÃO PARA A GRANDE OPUS ALQUÍMICA –

Metáfora para o aperfeiçoamento do ser como obra interior

Cíntia Ayres Grissolia

CRP 07/0845

Psicóloga Clínica

Especialização em Psicologia Clínica Junguiana

RESUMO

Este artigo intitulado ‘Conspiração para a Grande Opus Alquímica’ tem como objetivo fazer um entendimento do Processo de Individuação como sendo a ‘Opus Alquimicum’ da Alquimia, na qual ocorrem etapas para aperfeiçoar o ser, para realizarmos o nosso potencial singular, como se fosse a transformação do “chumbo em ouro” buscada pelos alquimistas. No decorrer deste texto, muitas vezes, será utilizada uma linguagem metafórica como analogia aos processos psíquicos que são mobilizados no andamento dessa “obra interior”. Deste modo, será feito uma circum-ambulatium pelos principais conspiradores da realização da obra alquímica – o Self, as Moiras e o Daimon – visando compreender como se dá a metáfora do Processo de Individuação como Opus na Alquimia, pois influenciam nossas vidas de diversas maneiras. Dentre eles, o Self, que é um centro interior de orientação para o processo; as Moiras (ou Parcas, filhas de Ananke- deusa da Necessidade) que impõem os fatos no decorrer da vida- a nossa sina; o Daimon, que nos conduz ao nosso destino, podendo receber nomes como: anjo-mensageiro, potencial, vocação, portador do destino, mediador entre os deuses e o homem, etc. Tudo o que ocorre em nossas vidas, como por exemplo, o caos causado pela vinda de algum infortúnio, um conflito, uma insatisfação, pode nos levar a um processo de transformação e reconexão com algo mais profundo no interior e à busca do significado da existência, bem como, de sua realização mais plena. Através de uma pesquisa bibliográfica, analogias e reflexões faremos uma proposta de compreensão para o Processo de Individuação conforme o prisma exposto acima, em analogia com a nossa atualidade. Muitas vezes, perceberemos se tratar de um assunto ‘Numinoso’, misterioso, pois envolve o próprio mistério que faz parte do campo do sagrado, e também a busca de um sentido para a vida. Estaremos, assim, adentrando o mistério da conjunção, isto é, da união dos opostos, integração, ou redenção da matéria, que é a meta da Obra Alquímica e corresponde ao ser mais essencial e genuíno a ser atingido no processo de

individuação: sermos quem realmente somos! Desta forma ,simbolicamente, atingiremos a pérola, o lápis ,o ouro filosófico dos alquimistas...

PALAVRAS-CHAVE : Individuação. Self. Moiras . Daimon. Alquimia.

ABSTRACT

This article titled 'The Great Conspiracy to Alchemical Opus' aims to make an understanding of the process of individuation as the 'Magnum Opus' of alchemy, in which there are steps to improve is to realize our unique potential, like the transformation of the "lead into gold" sought by alchemists. Throughout this text, often metaphorical language will be used as an analogy to the psychological processes that are mobilized in the course of this "inner work". So, you made a circumnavigation of the main conspirators ambulation the completion of the alchemical work - the Self, the Fates and Daimon - in order to understand how the metaphor of the Process of Individuation as Opus in Alchemy, as they influence our lives in many ways. Among them, the Self, which is a center within the orientation process, the Fates (or Fates, daughters of Ananke Goddess of Necessity) require that the facts in the course of life - our fate, the Daimon, which leads our destination, and may receive names like angel-messenger, potential vocation, bearer of fate, the mediator between gods and man, etc.. Everything that happens in our lives, such as the chaos caused by the coming of some misfortune, a conflict, dissatisfaction can lead to a process of transformation and reconnection with something deeper inside and search for the meaning of existence as well as their fuller realization. Through a literature search, analogies, and reflections will make a proposal for understanding the process of individuation as the prism above, in analogy to our present. Many times, we realize it is a subject 'Numinous', mysterious, because it involves the mystery that is part of the field of the sacred, and also the search for meaning in life. We will thus penetrating the mystery of conjunction, ie the union of opposites, integration, or redemption of matter, which is the goal of Alchemical Work and corresponds to the most essential and genuine to be reached in the process of individuation: Who we are we really are! Thus, symbolically, attain the pearl, the pencil, and the gold of the alchemists philosophical.

KEYWORDS: Individuation. Self. Fates. Daimon. Alchemy.

INTRODUÇÃO

Este artigo visa tanto aprofundar como também circular sobre o tema do Processo de Individuação, utilizando a metáfora da Obra Alquímica: uma 'grande obra interior' de transformação e pessoal.

Abordaremos os fatores principais que conspiram para tal fenômeno de alma, como o Self, as Moiras e o Daimon. Esses são aspectos que nos empurram para dilatarmos e aprofundar-mos nossa consciência.

A vida nos coloca situações que nos impelem a trabalharmos nossa essência , como se fôssemos aquele pedacinho de areia inicial – a matéria prima- e que ao passar por muitas dificuldades se transformará numa pérola , isto é, numa pessoa mais inteira, com menos cisões internas. Esta jóia coagulada na linguagem alquímica é a nossa essência última e a realização máxima do nosso potencial.

Este é, portanto, um ensaio sobre o processo de individuação como opus alquímica e seus conspiradores. Uma descrição de alguns aspectos - fatos , sentimentos , acontecimentos inevitáveis - que nos conduzem para nosso ‘destino’.

Estamos convidados para passearmos no grande mistério do processo da conjunção que é a meta da obra: a união dos opostos, a realização do Self, que corresponde analogamente à pedra filosofal da Alquimia, o símbolo de algo eterno que os alquimistas compararam com a experiência de Deus dentro de nossas almas. Alguém que atinja essa meta na íntegra, será uma pessoa mais completa e integrada, e com uma consciência maior e mais elevada. Algum exemplo de pessoas que chegaram neste nível, pode citar os grandes mestres que passaram por este mundo deixando uma marca, uma influência grande nele, como Jesus, Buda , Gandhi, entre outros.

O alvo é alto, e o importante é termos ele como meta, como algo nos propulsiona a realizar todo o processo para, quem sabe, alcançarmos a última etapa, a conjunctio.

1 PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

O processo de individuação é o eixo da psicologia analítica. Segundo Carl Gustav Jung (2006): “há uma destinação , uma possível meta”... “Individuação significa tornar-se um ser único , na medida em que por ‘individualidade’ entendermos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio si-mesmo”.(Self) (p.49)

Não há um significado simples para o que é a individuação, mas de forma geral o processo de individuação está relacionado com a construção de um ser mais completo que remete o indivíduo a ser quem ele realmente é, em direção à realização de suas potencialidades. E este processo ocorre através de etapas do que for necessário que seja vivido por cada pessoa, e também em ciclos. Pode haver nesse caminho pequenas ‘mortes e renascimentos’, indicando a necessidade de transformação. Cada vez que acontece um momento em

que antigas estruturas de vida, modos de ver as coisas entram em colapso, é como se isso tudo morresse, há uma desconstrução para depois surgir uma renovação, uma nova vida.

Percebemos no caminho de individuação uma pré-destinação: “o potencial não realizado de um indivíduo, suas necessidades de crescimento não desenvolvidas, podem tornar-se seu destino”.(p. 45, Withmont, 1995) Deste modo, verifica-se um impulso para ir em direção ao que se é destinado a ser que pode coincidir ou não com os propósitos conscientes. Isso é o que Jung chamou de ‘anseio de individuação’.

Muitas vezes na vida, temos situações e momentos em que nossas vidas em que surgem conflitos que nos levam a mexer na estrutura de vida, vem um caos para desconstruir e nos redirecionar em relação à quem realmente somos, nossas potencialidades, nosso ‘destino’. E no centro está o Self, governando com o auxílio do ego, que passa a servi-lo. De acordo com Silveira (1971), o processo de individuação seria um movimento de ‘circunvolução’ que leva a um novo centro psíquico. Este centro é o Self (si-mesmo). “Quando consciente e inconsciente vêm ordenar-se em torno do self, a personalidade completa-se”.(p.77, 1971)

Jung (2000), afirma que os momentos de vida “em que as leis gerais do destino humano rompem as intenções, as expectativas e concepções da consciência pessoal, são etapas do processo de individuação”(p.232). Essas intenções são aquelas que pensamos estarem no controle de nossa consciência, do ego que escolhe e decide tudo em nossas vidas, mas aparece um impulso maior que desacomoda a zona de conforto construída pelo ego, para que a totalidade da psique possa intervir mais diretamente na nossa realização nos levando para quem verdadeiramente somos. Essa é a realização espontânea da Totalidade do homem.

Sandra(2008), comenta que o Self é o orientador da psique, é fonte e dirigente que nos leva à individuação, “arquetipicamente tornar-se o que se é”(p.49, 2008). O próprio Self age para nos orientarmos de algum modo para o alvo que é o nosso genuinamente.

Ocorre, portanto, ao longo da vida, uma espécie de aperfeiçoamento do ser humano para poder realizar o que realmente é. Neste caminho da individuação, há inúmeras maneiras dos fatos se apresentarem a nós para prosseguirmos e, geralmente é através de algum sofrimento. Mas este preço de passarmos pelo sofrimento, pelo conflito, no final das contas, pode ser valioso pois nos traz uma consciência mais verdadeira, e também uma grande felicidade.(Franz, 199)

Há etapas no desenvolvimento da consciência no percurso de nossas vidas (Stein, 2006). No início há uma grande necessidade de nos adaptarmos ao mundo, e quem age principalmente nesta fase é o nosso ego, que ajuda a estruturar o modo de vida, o sustento, etc. Isso estaria relacionado com o desenvolvimento do ego na primeira metade da vida. Já nas etapas seguintes, acontecendo geralmente na segunda metade da vida, não é tão importante esta adaptação ao mundo externo pois em geral já conseguimos atingir alguma

estabilidade e metas materiais e, surge uma nova necessidade que é praticamente uma exigência da psique de olhar mais para dentro de si, para os potenciais ainda não realizados. Há uma espécie de união entre consciente e inconsciente através de uma função transcendente, e o símbolo unificador visa um desenvolvimento maior da consciência .

Deste modo, a questão da segunda metade da vida é descobrir um novo significado e objetivo(Fordham, 1990) para o crescimento e desenvolvimento da psique. As necessidades de desenvolvimento mudam , surge ,portanto , uma necessidade maior de adaptação ao mundo interior , e não mais tanto ao mundo exterior como foi na primeira metade da vida. Torna-se de grande ajuda reconhecermos o nosso mito conscientemente. E esta nova orientação se dirigirá para o Self como uma “ realidade simbólica e um mistério”(p. 53, Whitmont, 1995).

Surgem exigências que devem ser ouvidas e compreendidas a partir da segunda fase da vida. Questões muito mais profundas se apresentarão a partir de então, como por exemplo, a de quem somos, para que estamos aqui, qual o significado da nossa existência e qual o significado ou mito que está envolvido no que vivemos, etc.

Neste caminho , como vimos, poderá haver vários progressos, interrupções, interferências , etc. Essas etapas podem ser: desinvestir de falsas roupagens da Persona e olhar-se como se é de verdade, retirando a máscara ; após esta etapa , nos defrontaremos com a nossa Sombra (nosso lado desagradável e desconhecido); confrontaremos-nos com a Anima(feminino inconsciente no homem)/Animus (masculino inconsciente na mulher) que deve ser reconhecido e não mais somente projetada nos outros e haverá a diferenciação para evoluir e integrar o princípio oposto dentro de si.

Depois de todas essas etapas, o centro mais íntimo da psique governará com a atenção verdadeira do ser humano. Podemos detectar este fato na vida das pessoas, quando elas antes de decidir precipitadamente por alguma direção, sintonizam-se com um centro interno mais profundo que as orientará de acordo com o real caminho a ser escolhido, com o que deve ser vivido por elas.

Nesta caminhada, muitas vezes, nos deparamos com a interferência dos nossos complexos , positivos e/ou negativos. Quando ocorrem os complexos negativos, significa que de alguma forma estamos com a nossa energia psíquica presa , e somos orientados pela força de tal complexo, praticamente vivendo sem a liberdade do eu. Neste caso, percebe-se dificuldades de lidar com a vida de modo maduro e saudável, conflitos diversos ;depressões , manias ou compulsões; projeções maciças; emoções muito fortes que cegam a visão e a ação.

Desta forma, pode estar constelado um complexo que interfere diretamente no nosso percurso de vida e precisaremos conhecê-lo, compreendê-lo e ressignificá-lo. Aí está a importância da transformação do problema , de descobrir um sentido...(Werres, 2010) Portanto, poderá haver a transformação psíquica se esse

trabalho for feito por nós como uma obra interna grandiosa, e surgirá a formação de novos símbolos que vão desenvolver a Psique. Esta formação de símbolos leva o homem a construir algo novo, pois o símbolo é o mecanismo que transforma a energia (Jung, 2007). É possível notar isso na prática quando há a formação de símbolos com o objetivo de transformar a libido (a energia psíquica).

Para realizarmos o processo de individuação necessitamos nos submetermos ao inconsciente, ao Self. É preciso compreender o que esta Totalidade interior quer de nós: uma verdadeira entrega ao impulso do Self. A realidade psíquica é , deste modo , orientada em direção ao símbolo arquetípico do Self.

Atualmente, muitos sentem um enorme vazio e falta de sentido para suas vidas e parecem esperar ou buscar algo que nunca conseguem , e nem sabem bem o que é, e confundem com as coisas materiais . Desencantadas, ficam numa espécie de deserto interno. Existe uma urgência do homem moderno de se encontrar novamente , conhecendo mais sua psique inconsciente (Franz, 1999) ,e ouvindo mais o que precisa realizar : ‘o que o nosso Self quer de nós’. Essa necessidade pode ser chamada de reconexão , o ‘religare’ pois nos liga de novo com a essência divina, que veio realizar um propósito singular. Essa é uma ‘atitude religiosa’.

Porém , o indivíduo geralmente fica perdido, se debatendo com coisas supérfluas, desatinado, até acontecerem coisas em suas vidas que servem como sinais de qual rumo a seguir para reencontrar-se e preencher-se com algo mais precioso e pleno de sentido. No entanto, não se tem a certeza de que irá se atingir a meta , pois há muitos riscos no caminho.(Fordham,1990) Ainda, segundo Von Franz, “quando um homem segue as intuições do seu inconsciente pode receber e aplicar este dom que permite, de repente, fazer de sua vida, até então desinteressante e apática, uma aventura interior sem fim, repleta de possibilidades criadoras. “(p. 199, 1999)

2 SELF, MOIRAS E DAIMON

Self

E Whitmont coloca: “quem ou o que é essa entidade que parece estar de posse desta consciência, desse conhecimento e dessa capacidade diretiva, e com o que ela está preocupada?”(p.192, 1995). Esta entidade é como se fosse um sistema de planejamento central, que inclui e afeta o sistema consciente também, e é um arquétipo de uma autoridade central governada pela ‘sincronicidade’, como se fosse “um Deus dentro de nós”(Whitmont,1995). O Self estaria funcionando como um sistema de orientação central dirigido para a realização. Esta realização é a do Self no caminho da individuação.

O self é, em síntese, o arquétipo central da psique, sendo tanto a origem quanto o objetivo do processo de individuação. Este é um postulado necessário, pois é com ele que as experiências de valor são contadas como reais. (Naggy, 2003) A denominação Self, de acordo com Nise da Silveira(1971), está ligada tanto a um centro profundo quanto à totalidade psíquica.

No caminho da individuação, deparamo-nos com: o reconhecimento da sombra, a dissolução dos complexos, a liquidação das projeções, a assimilação de aspectos parciais do psiquismo, a descida ao fundo dos abismos”.(p. 88, Silveira, 1971) Assim, no confronto do consciente com o inconsciente o homem vai tornar-se ele mesmo, completo. Pode acontecer que quando estamos presos na vontade apenas egóica, achando que o ego é quem sabe o caminho, entremos num caos, nos sentindo mexidos, revirados, compelidos a rever tudo: as nossas escolhas, estilo de vida, relacionamento, profissão, etc.

Ocorrem as ‘coincidências significativas’ (a sincronicidade), que são acontecimentos internos e externos semelhantes. Eles não têm uma relação causal, pois estão ligados pela significação simbólica, e o ponto em comum é uma mensagem expressa simbolicamente. Basta prestar atenção nesse fenômeno e perceberemos certas “coincidências” que não são mero acaso, e que vêm nos enviar mensagens sobre o nosso caminho, se estamos ou não na direção do que o Self quer para nós.

Esse algo maior que está por trás, que mostra o caminho ou que confronta é o Self agindo, que está impulsionando para que nos tornemos uma pessoa mais completa. A individuação é o encontro transcendente entre o ego e o inconsciente, e a sincronicidade nos auxilia nisso. A tendência à unificação fica presente, e surge a ‘função transcendente’, rumo à unificação que é a coniunctio – integração do uno. Um exemplo disso é quando pensamos em alguém ou sonhamos com ela, e logo a encontramos, e ela nos dá alguma mensagem que nos ajuda a vermos se estamos na nossa verdadeira rota ou se estamos em desvios, sem querer e sem saber a pessoa comenta algo que nos auxilia. Por isso a sincronicidade está ligada ao Self e também à Anima Mundi, pois tudo está em inter-relação, fazemos parte de uma comunhão com o Todo.

Também, a união dos conteúdos conscientes e inconscientes configura a função transcendente para Jung (2007). Há a aproximação dos opostos, deste modo, do consciente e inconsciente, que resulta no aparecimento desta função transcendente, que é um terceiro elemento que está ligado à totalidade.

Daimon e moiras

Sanford(1999) em destino, amor e êxtase, fala sobre o daimon e as moiras. O Daimon seria um poder espiritual que estaria entre o ser humano e deus, servindo como mediador. Os romanos traduziram Daimon como genius (gênio da pessoa).Mas, “a individuação não é um ‘faça como quiser libertário’, e sim exatamente o oposto: significa satisfazer as experiências das forças superiores que os seres humanos chamaram Deus”(p.51, Sanford,1999). Os gregos consideravam que a vida era moldada por Moira, que

significa: quinhão ou porção, e mais conhecida por fatalidade ou sina. As Moiras era 3 deusas, filhas de Ananke: Cloto: “a fiandeira” – tece o fio da vida para cada alma; Átropos: “a Imutável” – corta o fio da vida (morte); e Láchesis: “que dispõe dos Quinhões”– distribui os eventos e as circunstâncias inevitáveis e decisivas.

Porém, no pensamento Cristão, há a idéia de providência Divina, mas não é o mesmo que fatalidade. Esta tem a ver com coagulation, refere-se ao estágio do processo de individuação no qual nos tornamos firmes e sólidos, suportando nossa fatalidade, sina. Jung sugeriu que nossa individuação se realiza através da maneira como enfrentamos nossa sina (Sanford,1999), aspecto que faz a diferença no caminho percorrido por cada um de nós.

Há um provérbio romano que diz: “fata volentem ducunt, trahunt nolentem” - aos de boa vontade as parcas conduzem; aos de má vontade, elas arrastam... (p.44.Whitmont,1995). É como se a vida fosse conduzida por um centro invisível, e que produz um sentimento de reconciliação com ela, quando conduzidos pelo Self (Fordham, 1971). Von Franz (1992), cita que ao longo dos tempos, os homens intuam a existência deste centro. E os gregos chamavam-lhe Daimon, o interior do homem.”Por vezes, sentimos que o inconsciente está nos guiando de acordo com um desígnio secreto”(p.162,Von Franz, 1992). Esta visão clássica, considera que toda a realidade psíquica é orientada em direção ao Símbolo Arquetípico do Self. Expresso por um símbolo através da poderosa imagem do Homem Cósmico: Cristo, Krishna, Buda,...(Von Franz,1992)

Daimon e moira na Psicologia Arquetípica

Barcellos(2004), esclarece que há 3 vertentes na Psicologia Junguiana: 1-Escola Clássica de Psicologia Analítica; 2- Psicologia Desenvolventista; e 3- Psicologia Arquetípica. E na vertente arquetípica, encontra-se outra visão sobre o Daimon. Mas faz-se necessário esclarecer mais alguns detalhes antes.

O pai da psicologia arquetípica é Jung, vêm dele as idéias básicas e universais da psique, que são os padrões arquetípicos. Para Jung, esses são antropológicos, culturais e espirituais – pois transcendem o mundo empírico em tempo e espaço, não sendo só fenomenais. Já para a psicologia arquetípica, o arquetípico é considerado como essencialmente fenomenológico.(Hillman,1995) E o objetivo de terapia seria um desenvolvimento de um sentido de alma. Diferentemente de Jung, que radicalmente distingue arquétipo numinoso PER SE da imagem arquetípica fenomenal, a perspectiva arquetípica recusa –se a especular sobre um arquétipo não apresentado.(Hillman, 1995) .

A psicologia arquetípica foca o arquétipo que se apresenta e visa torná-lo mais sofisticado, sendo essa a visão de individuação para esta vertente. É uma idéia múltipla e multifacetada de individuação, e neste processo de sofisticação há a interferência do Daimon. Portanto, a ênfase não está no Self mas nas várias

possibilidades de realização de um determinado arquétipo que é apresentado pelo indivíduo , com a influência do Daimon (vocação , destino). Cada arquétipo pode se tornar mais sofisticado , melhor. Na Opus Alquímica é análogo à operação de sofisticação!

Então, o Arquétipo é o conceito básico da Psicologia Arquetípica, que focaliza-se na imagem. Como na frase de Jung: “ imagem é psique”. E o arquetípico é sempre fenomenológico. O arquetípico se revela a nós como algo profundo, e este aprofundamento é em busca da imagem, do arquetípico, da alma... Arquetípico se refere tanto à força intencional quanto ao campo mítico de personificações.(Hillman, 1995)

E assim, após esses comentários sobre a psicologia arquetípica, podemos falar sobre o daimon e moiras para esta vertente Para Hillman(1995), a experiência da imagem como mensageira, pode lembrar-nos das imagens como ‘daimones’ e anjos- mensageiros. E talvez essas sejam aquilo que o homem chama de destino. Sobre destino e fatalismo , parece haver uma predeterminação do que viveremos. Mas, “nem todas as coisas estão traçadas num plano divino superior” (p. 207, Hillman, 1997) O Daimon é uma espécie de espírito guia , voz interior, um anjo da guarda, vocação, ou uma personificação do destino...

A Moira é vista apenas como sendo uma parte: fado ou moira significa porção, quinhão, mas tem somente uma participação nos acontecimentos; e o daimon é um aspecto internalizado da Moira, tendo uma participação na vida. O fado é como se fosse uma Mão Arquetípica, que pede para ser lembrada. (Hillman, 1997) Há imprevisíveis intervenções do fado, que nos leva ao daimon.

O daimon nos faz surpresas , que nos fazem dizer que algo era destino. Então, há uma parte no fado que podemos colocar intuitivamente a DEO CONCEDENTI, após qualquer plano. O daimon é visto como o portador do destino. E pode receber vários nomes, como : imagem, personalidade, alma, vocação , destino... conforme o contexto.

E a mãe das parcas (moiras) é Ananke-deusa Necessidade. “ Ela gira o fuso ao qual o fio de nossa vida está preso...”é necessário que o que vivemos seja vivido”.(p.233, , Hillman, 2011).

3 COMENTÁRIOS SOBRE A EPISTEMOLOGIA NA PSICOLOGIA JUNGUIANA

Jung (2008) , ressalta que o conhecimento de Deus é um problema transcendental . E “ Deus” “se trata de uma representação antropomórfica cuja dinâmica e simbolismo são transmitidos por meio da psique inconsciente. Desta forma , qualquer um pode, acreditando ou não em Deus, se aproximar do lugar de origem dessa experiência “.(p.41) Ainda, ele coloca que o sentido da mensagem cristã é que o próprio Deus busca a sua finalidade .

Segundo Hillman (2004), a psicologia e a teologia têm em comum a alma. Mas , a diferença básica entre elas é que uma estuda o homem e o que o induz a sentir, expressar-se e agir; e a outra estuda Deus e suas intenções. Importante salientar, portanto, que na psicologia analítica quando se refere ao encontro de Deus com o homem na alma , está se referindo à imagem de Deus que a psique tem.(Hillman, 2004)

É fundamental, deste modo, o autoconhecimento rigoroso de si mesmo para a compreensão do problema religioso. O inconsciente é um meio pelo qual brota a experiência religiosa . “ Tentar responder qual seria a causa mais remota desta experiência fugiria da possibilidade do conhecimento humano, pois o conhecimento de Deus é um problema transcendental”.(p. 41 , Jung , 2008).

Torna-se importante lembrar que a epistemologia da Psicologia de Jung e, segundo Barcellos (2004) a visão do homem é tripartite, e tem raiz em Heráclito, Platão e alquimistas. Entre espírito e corpo há um campo , a alma ou psique, que é um mediador , um terceiro campo. Barcellos(2004) na palestra sobre alquimia ressaltou que “só o que foi adequadamente separado pode ser adequadamente reunido, para que a conjunção da alma e espírito se dê de modo verdadeiro. E individuação é a integração do que se é.

Além disso, no Mednesp, Roberto , em a hermenêutica imaginativa , cita Jung : “ ... sendo o psíquico um fato inegável da própria experiência , um fato, temos a liberdade de inverter a hipótese , ao menos , neste caso , e supor que a psique provém de um princípio espiritual tão inacessível quanto a matéria”.(1984 apud Roberto , 2008) Assim, há um mundo psíquico com sua experiência imediata através de imagens, na capacidade do homem de simbolizar. Sugere-se ,com isso , o resgate de uma ciência almadada .

Portanto , recupera-se a idéia de mistério, pois não se esgota tudo. Para Schubach(apud Roberto , 2008) , o mistério , o sagrado também participa da vida; o mistério como um mistério tem um caráter sagrado.

4 ALQUIMIA E INDIVIDUAÇÃO

Muitas são as possibilidades metafóricas que a alquimia oferece para a compreensão dos fenômenos inconscientes e dos processos terapêuticos . A transformação interna chamada individuação que torna o ser quem ele realmente é em essência, pode ser comparada com a opus alquímica da matéria , processo que transforma a matéria prima em jóia coagulada –o ouro filisófico.

Sobre essas idéias e imagens da meta alquímica, afirma Jung que: “ a meta é importante apenas como uma idéia; o essencial é a OPUS que leva à meta : esta é a meta de toda uma vida”.(p. 353, apud Hillman, 2011). A idéia de meta , deste modo, é vista como um ‘imagem propulsora’ e não um estado final. “A meta da obra não é nada mais do que a objetificação do próprio impulso que a propulsiona”(p. 390 , Hillman , 2011). O caminho é circular, ou seja, a própria meta circula , pois é uma meta psíquica. A serpente que morde o próprio rabo, a imagem Urobórica.

Ainda, “o propósito da obra é a própria proposição”.(p. 355, Hillman , 2010) A pérola é a meta da obra , e expressa que a matéria prima , o sintoma ou problema, quando trabalhado constantemente , transformar-se-à numa jóia coagulada. Assim como na formação da pérola no fundo do mar é o nosso processo de transformação- metáfora da ostra.

Em termos práticos, podemos observar que realizar o destino é o nosso maior empreendimento, e que o ego deve ceder às exigências da psique inconsciente, do Self. Precisamos nos submeter ao poder do inconsciente , para compreendermos o que o Self quer de nós. Os sinais orientadores da Totalidade da Psique. (Franz, 1992).

O processo se dá de diversas formas, analogamente com a obra alquímica , cada um pode (conforme sua necessidade interna) precisar de uma determinada operação alquímica, como por exemplo, alguém que está muito rígido pode necessitar dissolver algo através de uma solutio, que seria colocar ‘água’, isto é , trazer as emoções, deixando acontecer mais o fluxo da vida para assim poder seguir sua circunvolução.

A alquimia coloca ,de acordo com Barcellos (2004) , que a Opus tem como meta a espiritualização da matéria , libertando o deus que há nela . Deste modo , o corpo é espiritualizado – opus minor – e o espírito é encarnado após – opus mayor. Assim , a primeira grande meta do processo é a condição lunar , da prata na albedo (enbranquecimento) Após, deve-se atingir a condição solar na rubedo .(Roberto , 2007) Isso tudo configura a opus magnum da opus alquimicum.

Assim, a alquimia busca a redenção da matéria , a realização máxima da realização do ser. Esta é a arte de libertar o deus que está preso na matéria para encarnar o espírito. E a respeito das fases ou processos

alquímicos, Hillman apud Roberto (2010) cita : nigredo – preto ; azul- unio mentalis ; albedo- prata ; amarelamento – cinitritas e rubedo – pedra ou ouro- vermelho. Porém , com o tempo passaram a referir –se somente a três principais fases e cores : Nigredo – o preto; Albedo - o branco ; Rubedo – o vermelho .

Então, o preto , o branco e o vermelho com suas fases e cores intermediárias abarcam a realização da Grande Opus Alquímica, que é análoga ao processo de individuação. Roberto (2007), comenta que a alquimia favorece uma atitude religiosa , estar constantemente alerta para os poderes desconhecidos que também guiam nossa vida .

Ainda, conforme seminários de Werres (2012) , há um constante dissolver – do que está enegrecido , a prima matéria, e um coagular .Após a descoberta desta prima matéria a ser trabalhada , vamos submetê-la a vários procedimentos para ‘transformá-la na pedra filosofal’ . Deste modo , percebe-se que a individuação é processo contínuo, transformando complexos, fazendo ampliações, e passando para outros momentos num movimento circular e espiralado .

Neste momento , será descrito sucintamente as fases da Obra Alquímica:

A primeira fase é a nigredo, que se caracteriza por operações escuras, como a mortificatio, putrefactio, calcinatio, iteratio, etc. O ‘modus operandi’ é difícil, vagaroso; o trabalhador pode ficar deprimido, angustiado, pessimista, confuso, com idéias de fracasso e morte , dúvidas .etc. O preto vem quebrar o paradigma , desconstruindo e tornando possível a transformação psíquica. Podemos ver isso nos momentos em que estamos enredados na Nigredo por traumas e aprisionados neste material. Mas é nessa desconstrução que a transformação pode acontecer...

Depois, pode-se chegar ao azul , em que o aspecto torturante da Nigredo dá lugar à depressão (desgraça azul). Isto sugere à alma reflexão e distanciamento. É uma depressão com mais reflexão, com arrependimento.

Então, ocorrerá a albedo , sendo a prata o metal da lua. Características: enlugarado, paixão fria ; terra branca. Espiritualização da matéria. Nesta fase, o sujeito fica mais introspectivo, distante em seu mundo interior. Surge mais consciência do que está acontecendo consigo.

Entre o branco e o vermelho, prata e ouro, vêm o amarelamento. Começa a possibilidade de avermelhar, indo para a rubedo. Nesta fase, a prima matéria poderá ser transformada em Pérola, na jóia coagulada. “Bela e alegre é a descida da alma ao corpo...” (p.6, Roberto, 2007) O espírito encarna. A pedra é vermelha e tem relação com a Exaltação , que corresponde à penúltima imagem do Rosarium, a Maria coroada; a matéria que coroa para a perfeição da pedra.

A opus magnum está terminada e tem dois objetivos: o resgate da alma humana – conexão com a alma – e a salvação do cosmos.(Barcellos, 2010) A pedra filosofal tem o poder de transformar o que está próximo . Na Rubedo estamos no mundo interferindo nele para que ele seja melhor! Estamos vivos de forma animada , de modo diferente , este é o ‘ouro’. Há a conjunção da alma com o espírito.

Por isso o símbolo do Self é a pedra por ser o mais nobre. Do ponto de vista psicológico, uma pessoa que tenha se religado ao Self , essa é a atitude religiosa, se esforçará para ter a experiência de conexão com o Self e manter-se em sintonia e harmonia com ela (Franz, 1999) Assim como a pedra tem a qualidade de ser permanente , a relação com o Self deve ser constante, com o cultivo da atenção para que o Self se torne um companheiro interior amado.

É preciso enxergar os problemas , tomar consciência deles e trabalhá-los para que se transformem , como a transformação do ‘chumbo em ouro’ da alquimia. Jung colocou: “ é ao crescimento da consciência que devemos a existência de problemas ; eles são o presente grego da civilização”.(1928/1991 apud Werres , 2010, p. 3) É importante, portanto, manter uma relação criativa e verdadeira para que o Self se realize.

Durante a Opus Alquímic, acontecem as operações alquímicas , conforme o que for necessário para transformar a prima matéria. A opus é feita de aproximadamente 48 operações. Dentre elas estão algumas como:

Solutio: dissolver; ex: dissolver o ego ou o maior envolver o menor , uma visão mais ampliada esclarecer uma visão reduzida das coisas; quando um problema ou estágio de desenvolvimento fica paralisado ou preso , sendo necessária a dissolução disso.

Calcinatio: aquecer, secar; ex: quando algo precisa ‘queimar’ em nós, como suportar um afeto intenso, queimar as impurezas, ‘secar o complexo’(as almas secas são as melhores).

Sublimatio; sublimar o corpo e coagular o espírito; ex:elevação para vermos tudo de uma perspectiva mais ampla, de cima.

Coagulatio : concretizar; terra; coagular algo.

Separatio: separar as substâncias; ex.: separa da massa confusa e surgem idéias , insights , intuições.

Putrefatio: desintegrar; ex.: colocar calor interno que putrefa algo: fixações, resistências, compulsões para elas decaírem, se desarranjarem.

Mortificatio: levar à morte de algo, experiência de derrota que propicia mudança; ex: experiência de morte do ego para a concepção do Self, da pedra filosofal.

Conjunctio: é a meta da opus alquímica, como uma idéia ou alvo a ser atingido que move o processo . É a união dos opostos, ex: completar-se, casamento místico interior, integração, androginia.

No caminho de individuação, na opus alquímica de nossas vidas, pode surgir vários tipos de conflitos para nos auxiliar a reconectar com o que é realmente nosso caminho. Se fugimos, vem todo o tipo de coisas para nos conduzir ou arrastar para o nosso verdadeiro caminho. Por exemplo, no filme COMER-REZAR-AMAR podemos fazer uma analogia de como se dá o processo de individuação e seus conspiradoers. A personagem interpretada por Julia Roberts estava num casamento aparentemente bom , mas no fundo infeliz. Ela queria viajar à trabalho , ele não. Tinham sentimentos diferentes em relação à vida e ao modo de viver , mas ele estava vivendo o sonho dele sem prestar muito a atenção que não era exatamente o mesmo dela. Até que num noite , ela chora e pede a ajuda de Deus, parece ouvir algo e se emociona. Volta para o quarto e eles são sinceros um com o outro e se dizem: ele-“não quero viajar”; ela- “não quero mais estar casada”.

A crise conjugal e o sofrimento decorrente faz com que ela se escute mais, reveja o que quer de verdade, tenha coragem para redirecionar a vida rumo a algo não tão bem conhecido e controlado como era antes. Só que, ela se envolve rapidamente com outro homem , moram junto , mas ela continua infeliz. Ela vai viajar para o exterior à trabalho e para se divertir também. Vai para a Itália, onde faz muitos amigos e a ter prazer em comer. Depois vai para a Índia, aprende a meditar com um mestre da região.

Ela vai aprendendo a deixar a fluir mais a vida , a “sorrir com seu fígado”(aprendizado de seu mestre de meditação indiano). E vai realizando mais , saindo do caos que estava antes, faz muitos amigos , medita muito, trabalha escrevendo. Até que ocorre um pequeno acidente , ela é atropelada de bicicleta por um homem de jeep. Ele a socorre mas ela só sofre alguns arranhões. Mas isso propiciou que os dois se encontrassem e se conhecessem mais. Começam um relacionamento, mas ela ainda tem medos e dúvidas dentro de si. E ele a convida para aprofundar a relação, e se estruturarem de forma a manter a relação viajando entre seus países em que trabalham, conciliando relacionamento e trabalho. Ela não aceita , foge.

Depois de um tempo, ela retorna e vai vê-lo. De novo, na frente de um barco , ela agora aceita o convite dele , dizendo que descobriu que seu nome era ‘atravessiamo’, nome que os amigos italianos lhe pediram para escolher e que ela não tinha conseguido saber. Ela estava pronta para enfrentar a aventura de ser quem se é , de realizar o que é seu .

Neste exemplo, vemos a presença de vários aspectos do processo de individuação . No início, há a aparência de que está tudo bem , mas tudo tinha sido planejado e controlado pelo ego. Porém a angústia e a insatisfação surgem indicando que tudo não está tão bem. Aparece o sofrimento , que é o naco- o problema –

a matéria prima para o processo, 'nigredo'. Ela passa por uma 'mortificatio', pois morre a antiga forma de viver e ver as coisas e dá espaço para algo diferente, o novo.

Ela viaja e abre novas possibilidades, e a felicidade em inglês é 'happyness', do verbo 'to happen' que significa 'acontecer', ela começa a 'deixar acontecer'. Abre a chance de realização quando muda a postura e revê o rumo. Mas quando vai rapidamente para outro relacionamento, ela se agarra nisso como salvação, entretanto, isso não funciona e logo vem a operação de 'calcinatio', queima a paixão, se separa de novo e vai para fora. Lá, ocorre uma 'sublimatio', ela revisa tudo em sua vida, medita sobre isso, amplia a perspectiva. Surge uma 'albedo' também.

Quando acontece o pequeno atropelamento e conhece um homem novo, é a presença da moira, que impôs o fato que era necessário. Vemos também o destino a conduzindo, o Daimon. Na meditação ela se reconecta com o Self, que passa a dar-lhe mais atenção e cuidado ('rezar', 'religare'). No final, teve a coragem de viver sua 'verdadeira vida', entrar na vivência do desconhecido guiada pelo companheiro interno, o Self. Diz um ditado popular: 'sábio é o homem que aceita seu destino'.

Podemos concluir com esse caso, que os conspiradores da obra interior estão presentes de diferentes formas, e atraindo coisas que empurram o processo de cada um de infinitas maneiras. Também as fases e operações alquímicas se processam no desenrolar do processo, surgindo conforme o que é necessário haver, o tipo de transformação que a matéria prima precisa passar para o andamento da obra interior- a opus alquímica.

Sobre a etapa final da obra, Franz (1999) fala que a Coniunctio culmina com a encarnação da divindade, Deus desce para o humano. Isto equivale a dizermos que uma vez que uma pessoa atinja a última etapa da opus alquímica, que passou por uma profunda transformação e tornou-se ela mesma, poderá acrescentar algo importante ao coletivo. Isto que significa que é como se fôssemos acrescentar algo ao mundo com o nosso potencial. É claro que é uma etapa avançadíssima e difícil de imaginar isso na vida prática, mas este fato é uma possibilidade e, principalmente, uma meta.

Jung concluiu que há um outro tipo de lógica na relação da Psicologia Analítica com a Alquimia. Há materiais simbólicos dos sonhos e fantasias; paradoxais, confusos, que com certa dose de humildade e paciência poderemos encontrar o nascimento de uma nova ordem de consciência. (Jung apud Roberto, 2007). E é aí que a alquimia fornece uma possibilidade de compreensão desta lógica inconsciente: "o obscurum per obscurius e o ignotum per ignotius- o obscuro pelo mais obscuro e o desconhecido pelo mais desconhecido" (Jung apud Roberto, 2007).

Um breve comentário sobre as imagens do Rosarium Philosophorum dos alquimistas, fala na fig. 10 sobre a coniunctio: a ressurreição do corpo unido eterno: terceiro estágio da coniunctio, união da entidade corpo-alma-espírito unido purificado, unus mundus. Revificação, as três partes podem se reunir, pois foram

devidamente separadas e poderão ser devidamente reunidas. É como se a divindade(o espírito) e a alma purificada pudessem viver no corpo de forma animada e vívida, realizando no mundo.

Torna-se possível entendermos a seguinte linguagem metafórica de alguns textos bíblicos :

“Então ouvi a grande voz vinda do trono dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens, Deus habitará com eles.Eles serão o povo de Deus e o próprio Deus estará com eles”.(Apocalipse 21:2-3 apud Von Franz,1999) .(O tabernáculo significa o corpo após a transformação que pode receber a encarnação de Deus. E Deus habitará com eles: Deus vivendo no homem, entidade espírito-alma-corpo).

Também há uma parte de um lindo e enigmático Poema que acompanha a fig. 10 do Rosarium , no qual o corpo unido eterno descreve a si mesmo:

“Aquele fonte é senhor do(a) Sol e da Lua.(os opostos)

Oh ! Senhor Jesus Cristo , que concede

A dádiva através da graça do Espírito Santo: (descida para a encarnação do espírito na matéria , redenção da matéria)

Aquele para quem ela é dada verdadeiramente /

“Compreende completamente os dizeres dos mestres”. (p. 120, Edinger,2008) (é uma dádiva chegar até aqui, tudo faz sentido)

Portanto, a coniunctio é um mistério: “é o objetivo do processo; é a substância que é criada pelo procedimento alquímico ao obter sucesso na união dos opostos.” É algo misterioso, transcendente, que pode ser expresso por muitas imagens simbólicas”. (p.21, Edinger, 2008) Alguns dos principais nomes dessas imagens simbólicas são: a pedra filosofal; a aqua permanens ;filius philosophorum ; pharmakon athanasias . Nosso ser em seu estado mais genuíno e incorruptível, como se fosse uma jóia coagulada, um ouro psíquico. Alguém que tenha atingido este estágio se torna um pessoa com uma consciência mais elevada, realiza-se e em prol de um mundo melhor, está viva!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A individuação como opôs alquímica nos oferece, portanto, uma excelente perspectiva simbólica de compreendermos o processo de individuação nas suas mais variadas formas e etapas. E os movimentos psíquicos para que tal processo ocorra estão constantemente presentes como uma mão invisível, sutil, mas que sempre nos ajudam a seguirmos em frente na nossa circonvolução, passando por tudo que nos for necessário. Manifestam-se através de tudo o que nos acontece para que passemos pelo que precisamos em nosso processo.

Assim, circum-ambular aprofundando este tema tão essencial para a Psicologia Junguiana, é fundamental para podermos compreender mais a fundo todo este processo tão complexo. Tem-se, deste modo, a impressão de que tratamos do assunto que envolve o mistério da vida de cada um de nós, e que nos leva para a realização do propósito de vida singular, do potencial único de cada ser humano

Parece haver uma predeterminação do que viveremos. Nossas vidas seguem, deste modo, os desígnios secretos de Deus. E para tal, muitas são as vezes que acontecem coisas internas e/ou externas que nos levam para o nosso caminho de realização de algo que é nosso, singular, a obra inteira de uma vida.

O processo de individuação tem que satisfazer as exigências de forças superiores, que nós chamamos de 'Deus'. Esse processo se opõe às metas egocêntricas, pois precisa aceitar a subordinação ao Self, reconhecendo o poder superior da vontade de Deus, Self. Ananke (arquétipo de 'o que precisa ser feito') nos coloca a mensagem de que precisamos servir à Deus da maneira que ele se apresenta à nós, aceitando seus desígnios. Humildade, coragem e paciência se tornam essenciais para enfrentarmos este caminho, e tudo o que ele possa nos trazer.

Há um exemplo interessante de um fiel de Deus em seu processo de individuação, Jó: ele era um homem muito bom, próspero e feliz. Até que um dia o diabo questionou Deus, dizendo ser fácil para seu devoto ser assim com uma vida perfeita deste jeito, e que gostaria de ver se ele continuaria a ser fiel se passasse por infortúnios, se com isso não amaldiçoaria o seu Deus. Foi então que Deus autorizou o diabo a colocar todo tipo de desgraça para Jó.

Ele perdeu a riqueza, os dez filhos, ficou doente... e nunca maldisse seu Deus, serviu e aceitou a Sua vontade sempre. E após tudo o passou, Deus conversou com ele e deu-lhe tudo de novo e em dobro. Jó aceitou os desígnios de seu Deus, tinha no seu interior um sentido maior que lhe dava forças. Parece, neste caso, que ele sempre manteve a verdadeira 'religare' em si, a conexão com o centro íntimo de orientação, o Self, e passou em seu caminho diversas dificuldades como a ostra no fundo do mar para se transformar em

pérola, mas manteve-se fiel ao seu Deus interno, diante de todos os infortúnios, desgraças, doença. Esta postura de Jó é a que pode nos ajudar sempre que tivermos que enfrentar nossa sina: a conexão com o Self.

Confirmamos, desta maneira, a existência de fatores que conspiram para que determinados fatos internos e/ou externos aconteçam para nos impulsionar na realização do nosso propósito singular de vida. Isto influencia para que a obra se realize, nos direciona para o processo de individuação. Cada um a seu tempo (tempo de alma- kairós), do seu jeito, dependendo da força de ego para enfrentar o caminho deste processo complexo. Mas quem conseguir ter a paciência e a fé para prosseguir poderá, quem sabe, vislumbrar o resultado da obra, o ouro alquímico, a alma em seu estado mais essencial. Isso é uma idéia que impulsiona a vida, uma imagem alquímica de união, de conjunção. Há, portanto, a presença de uma predestinação.

No exemplo da personagem do filme *comer-rezar-amar*, ela passa por diversas etapas, iniciando com uma insatisfação e crise em seu casamento. Crises conjugais, insatisfações, dúvidas, depressões, hoje em dia são muito frequentes, e podem nos levar a uma nigredo, em que a matéria prima, nosso problema, entrará num processo de transformação. Como no filme, decorrem disso muitas etapas – fases e operações- conforme o que for necessário para o processo de cada um. Importante é a postura que se tem frente a isso, o modo com que enfrentamos nossa sina, como bem disse Jung. E ao passar por tudo que é preciso para a alma se transformar, ela poderá se tornar realizada tendo como guia interior o Self, escutando-lhe com atenção, e fazendo aquela pergunta: ‘o que o Self quer de nós?’. Ao conseguir chegar numa rubedo, o ser interfere no mundo para melhorá-lo também.

A meta é uma idéia, ou uma sofisticação eterna. E, no centro, estaria a essência após todo este processo de transformação. A essência última, a pureza do material, que seria o ser mais essencial e sofisticado ‘ad infinum’ provavelmente como se fosse um ‘aeternus solve et coagula’.

Apura-se a essência com a influência do arquétipo regente que para a Psicologia Analítica Clássica e Desenvolvimentista seria o Self, ou para a Psicologia Arquetípica que seria regida por um arquétipo, não sendo necessariamente o do Self. Mas em qualquer modo, visa-se atingir à essência última, à pedra filosofal.

Pode ser que tudo isso queira dizer que fazemos todo este processo para que possamos SER a própria manifestação do deus interno que é libertado e transformado. A encarnação do Deus de que nos fala a alquimia, o espírito santo que desce para a matéria. Por isso chega-se ao MISTÉRIO DA CONJUNCTIO, o mistério da união, o unus mundus, plena integração. A alma está dentro e fora, e a realidade psíquica coincide com dentro e fora, pois a alma está em tudo. (Barcellos, 2011).

A relação disso tudo com o nosso mundo, da alma individual com a alma do mundo-anima mundi- é a da física quântica de que o que ocorre no microcosmos também ocorre no macrocosmos (ou a parte contém o todo e vice-versa) Assim, o que acontece no ser humano também acontece no mundo. Podemos

imaginar como uma ‘Opus in anima’, passando por todas as etapas do processo. Observando os acontecimentos do mundo, vamos logo perceber que também a massa confusa(matéria prima a ser transformada) – mediocridades, desgraças, violências, calamidades, desrespeito, desamor, etc – constituem essa matéria prima, entrando em Nigredo. Tantas catástrofes que nos mostram a necessidade de transformação do planeta . O sofrimento da anima mundi: mortificatio, putrefatio- em nigredo. Mas, paralelamente, já começa uma conscientização, talvez de uma nigredo para o início de uma albedo, alguns querendo melhorar a situação individual e mundial (quando você muda, o mundo muda- lema dos ativistas quânticos), cuidando e amando a si e a anima mundi.

Mas para a Rubedo ainda falta muito. Podemos imaginar quando realmente todos e tudo , micro e macrocosmos, atingirem uma transformação total, gerando uma ‘ressurreição’ e ‘coroação’, todos participando em sinergia com a anima mundi, resgatando a alma humana e salvando o cosmos, que é o objetivo final da Opus Alquimicum, na rubedo. Um ser que se torne melhor no sentido de ser mais genuíno e realizado , influencia a situação da Anima Mundi por causa da interligação entre o que está fora e que está dentro , e por isso ele agirá mais em prol de um mundo melhor. É claro que este é um nível ideal e que a meta é como um alvo que miramos , que nos propulsiona para prosseguirmos em frente o nosso processo. Mas , mesmo que utopicamente, é uma meta a ser atingida o mais completamente possível, e a pessoa ‘individuada’ vai interferir no cosmos por ter adquirido a consciência de que a anima também somos nós, “ não é a anima que está em nós, nós é que estamos na anima”.(Roberto, 2010).

Novamente ,o último trecho do Poema da fig. 10 do Rosarium Philosophorum se esclarece para nós:
 “... Que seus pensamentos sobre a vida futura possam abrigar/
 Corpo e alma unidos tão bem.
 E levá-lo ao reino do seu pai/
 “Tal é o caminho da arte entre os homens “. (Rosarium Philosophorum apud Edinger, p. 120)”
 E todo o empreendimento desta grande opôs alquímica acontecerá DEO CONCEDENTI , com o desejo de Deus , e com uma atitude religiosa , mas ocorrerá por si mesma .

“Portanto, ao produto do processo , foi conferido o nome de filho ou filha do alquimista”.

‘Ninguém pode fazer isso sem a ajuda de Deus/

E isso apenas se ele puder ver através de si mesmo’. (Edinger, 2008, p. 123)

Também, há um lema alquímico que diz:“Ora, lede , lede ,relede , labora e encontrarás”. Então:
 Que Deo Conceda realizarmos a Grande Obra Alquímica... a coniunctio.

Poema para a Opus Alquímica

‘Se nasce
 Participa-se misticamente
 Se separa
 Conspira-se para o sagrado viver
 Self , moiras , daimon...
 Necessidade de reconexão
 Opus
 Integração
 União
 Conspiração para a individuação
 3 em 1
 O Pai , o Filho e o Espírito Santo – Trindade , e a Mãe – Quarténio .
 Ouro sagrado
 Vermelho dourado
 Conjunção
 Coroação
 Redenção’

Cintia Ayres Grissolia

POA, março de 2012.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELLOS , G. Palestra sobre ALQUIMIA. IJRS-POA, 2008.

_____. CONFERÊNCIA PSIQUE E IMAGEM. Por Gelson Roberto . IJRS,2004. Disponível em <
[http:// www.ijrs.org.br /artigos .php?id=12](http://www.ijrs.org.br/artigos.php?id=12)> Acesso em : 01 jul.2007.

FORDHAM, F. INTRODUÇÃO À PSICOLOGIA DE JUNG. 2 ed. SP: Verbo ,1990.

HERMENÊUTICA imaginativa. Gelson Roberto . MEDNESP. POA: UFGRS Ray, DVD 9, 120 min.

HILLMAN,J. O CÓDIGO DO SER. RJ: Objetiva, 1997.

_____. RE-VENDO A PSICOLOGIA. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. PSICOLOGIA ALQUÍMICA. Petrópolis : Vozes , 2011.

_____. PSICOLOGIA ARQUETÍPICA. 9 ed. SP : Cultrix, 1995.

JUNG,C. G. O EU E O INCONSCIENTE . O . C. , vol. VII/2. 19 ed. Petrópolis : Vozes, 2000.

- _____. A ENERGIA PSÍQUICA . O . C. , vol. VIII/1.9ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- _____. A NATUREZA DA PSIQUE , O . C. , vol. VIII/2 . 5 ed. Petrópolis : Vozes, 2000.
- _____. MEMÓRIAS, SONHOS, REFLEXÕES. Por Jaffé , A .14 ed. Nova Fronteira, 1963.
- NAGY, M. QUESTÕES FILOSÓFICAS NA PSICOLOGIA DE C. G. JUNG .Petrópolis: Vozes, 2003.
- ROBERTO, Gelson . A METÁFORA ALQUÍMICA . IJRS. Disponível em < [http:// www.ijrs.org.br/artigos . php ? id=8](http://www.ijrs.org.br/artigos.php?id=8)> Acesso em : 02 jul. 2010.
- SANDRA, S. R. JUNG: UM CAMINHAR PELA PSICOLOGIA ANALÍTICA. RJ: War Ed., 2008.
- SANFORD, J. DESTINO, AMOR E ÊXTASE. SP: Paulus , 1999.
- SCHIMITT, A . SEMINÁRIO DE PSICOLOGIA ANALÍTICA . PUCRS, 1993.
- SILVEIRA, Nise da . JUNG- VIDA E OBRA. Paz e Terra. 1971.
- STEIN, Murray. JUNG – O MAPA DA ALMA . 5 ed. SP: Cultrix, 2006.
- VON FRANZ, M-L. ALQUIMIA. 9ed. SP: Cultrix, 1999.
- _____. O HOMEM E SEUS SÍMBOLOS. Sp: Cultrix, 1992.
- WERRES, Joyce. SEMINÁRIOS SOBRE ALQUIMIA NA CLÍNICA. POA: FATO, dez. 2011.
- _____. NEUROSE, INTROVERSÃO DA LIBIDO E O SACRIFÍCIO NECESSÁRIO. IJRS. Disponível em < [http:// www.ijrs.org.br/artigos.php?id= 54](http://www.ijrs.org.br/artigos.php?id=54) > Acesso em : jul. 2010.
- WHITMONT, E. A BUSCA DO SÍMBOLO. SP: Cutrix, 1995.